



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA (TEL)

CRISTIANE DE CASTRO ALENCAR

O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS
QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE SOCIAL E A PERSONAGEM JACOBINA

BRASÍLIA/DF

2019

CRISTIANE DE CASTRO ALENCAR

O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS
QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE E A PERSONAGEM JACOBINA

Monografia submetida ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciada em Letras-Português.

Orientador: Alexandre Simões Pilati

BRASÍLIA/DF

2019

A verdadeira educação consiste em
pôr a descoberto ou fazer atualizar o
melhor de uma pessoa.

Mahatma Gandhi

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

À Nossa Senhora por sempre cuidar de mim por meio de sua interseção.

Ao meu filho João Miguel, por me ensinar diariamente o que é viver, o que é o amor, o que é amar.

Ao meu marido Leonardo, meu amor, meu melhor amigo, meu companheiro de todas as horas, meu porto seguro e meu braço direito nesta caminhada.

Aos meus pais, José Hamilton e Nora Nei, por todo amor, paciência, carinho e compreensão que tiveram comigo ao longo de toda minha vida, especialmente na elaboração desta monografia. Às minhas irmãs e ao meu sobrinho Nikolas, que sempre me apoiaram, agradeço a paciência, a compreensão e o apoio.

Aos meus amigos, que sempre torceram por mim e por esse trabalho. Obrigada pelas conversas, incentivos e carinho.

Ao meu orientador Professor Dr. Alexandre Simões Pilati, pelas suas orientações, conversas, direcionamentos, incentivos e positividade em relação ao meu trabalho.

À Universidade de Brasília, à Coordenação do IL e ao Departamento de Teoria Literária e Literatura.

RESUMO

Esta pesquisa propõe investigar algumas características do gênero conto no Brasil (PARRINE, 2017; JUNQUEIRA, 2009), analisar o conto “O Espelho” de Machado de Assis (GLEDSON, 2006; PARRINE (2008), MONNERAT 2009) tendo como foco principal uma análise da personagem Jacobina a partir dos estudos sobre identidade na psicologia social (BERLATTO, 2009, CIAMPA, 2003, RICOEUR, 1991). A identidade de um indivíduo é construída socialmente ao longo de sua existência a partir das relações com o mundo no qual ele se insere. Contudo, também a partir desta relação ou na ausência dela, a identidade de um indivíduo pode ser desconstruída. No caso de Jacobina que na juventude fora alferes da guarda nacional, ele perde sua identidade a partir de um acontecimento na casa de sua tia. Jacobina fora trapaceado pelos escravos do sítio de sua tia que fugiram e com isto, viu-se completamente sozinho, isolado e desmoralizado pela fuga dos escravos. Ao olhar-se no espelho, Jacobina vê-se em uma imagem difusa, não consegue mais reconhecer-se e teme a solidão e a loucura. A partir deste acontecimento, Jacobina busca então, meios de recuperar e reconstruir sua identidade para conseguir atravessar aqueles dias de solidão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Machado de Assis, Gênero Conto, Identidade Social, Psicologia Social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
<u>CAPÍTULO 1</u> - MACHADO DE ASSIS – O CONTISTA	8
1.1 Contextualizando o conto “O Espelho”	13
1.2 O Espelho – um resumo	14
<u>CAPÍTULO 2</u> - QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE	17
2.1 O Gênero Conto no Brasil	17
2.2 Questões sobre identidade e a personagem Jacobina.....	20
<u>CAPÍTULO 3</u> - ANÁLISE DO CONTO <i>O ESPELHO</i>	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

O conto “O Espelho” de Machado de Assis é uma obra que sempre me instigou. Várias passagens do conto me chamam a atenção como o trecho em que a personagem principal (Jacobina) começa a esboçar sobre sua teoria da alma humana: “Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para [d]entro...” (ASSIS, 1994, p. 2).

A partir da paixão por esta obra, surgiu o desejo de escrever este trabalho sobre o conto “O Espelho”. Espero que esta pesquisa possa inspirar outros professores e pesquisadores em seus trabalhos tanto em sala de aula quanto em suas pesquisas acadêmicas.

Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores brasileiros de seu tempo e da atualidade. Talvez este fato se deva a sua habilidade de conseguir adentrar em assuntos profundos e paradoxais por meio de textos que aparentemente podem parecer tratar apenas de assuntos triviais e corriqueiros. Além de grande romancista, Machado de Assis é também um grande contista. Pode-se afirmar que ele é considerado o criador do gênero conto no Brasil pela sua qualidade estética e literária.

A partir da análise do conto “O Espelho” busco compreender como a identidade da personagem Jacobina vai se delineando ao longo da história, busco também analisar os aspectos da construção de sua identidade social, desconstrução e tentativa de reconstrução e manutenção dela.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresento uma breve biografia de Machado de Assis, sua importância enquanto escritor de contos, seu estilo de escrita e também as características do gênero conto no Brasil. Logo em seguida, apresento de modo geral o conto “O Espelho” foco de análise do presente estudo.

No segundo capítulo, abordo questões acerca do nascimento do gênero conto no Brasil, suas características e também apresento alguns estudos já realizados sobre o conto “O Espelho” e questões de identidade presentes no conto a partir da análise da personagem Jacobina.

Por fim, no terceiro capítulo busco analisar algumas características do conto “O Espelho” tendo como referências os estudos de Jonh Gledson (2006), Parrine (2008) e Monnerat (2009), e também fazer uma análise da personagem Jacobina ao tentar responder

algumas inquietações acerca da personagem a partir dos estudos de identidade a partir das perspectivas estudadas por Ricoeur (1991), Ciampa (1984) e Berlatto (2009).

CAPÍTULO 1

MACHADO DE ASSIS – O CONTISTA

No presente capítulo, apresento primeiramente uma breve biografia de Machado de Assis e, em seguida, sua faceta enquanto escritor de contos e as características mais gerais de seu estilo de escrita enquanto contista e por fim, um breve panorama sobre o conto “O Espelho” que será estudado mais detalhadamente nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

Joaquim Maria Machado de Assis mais conhecido por Machado de Assis, é considerado um dos maiores escritores brasileiros e um gênio da literatura mundial. Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro no dia 21 de junho de 1839 e no dia 29 de setembro de 1908 falece na mesma cidade. Viveu grande parte de sua vida no Morro do Livramento.

Francisco José e Maria Leopoldina, pais de Machado de Assis, eram muito pobres e apesar da origem humilde algo os distinguiu dos demais vizinhos do morro do livramento: ambos sabiam ler (COSTA, 2001). Os pais de Machado moravam nas redondezas da chácara de Dona Maria José, viúva do Senador Bento Barroso Pereira.

Os pais de Machado “não eram empregados fixos, não tinham trabalho determinado, mas viviam em volta da chácara, ele trabalhando como pintor, de paredes ou móveis, ela fazendo pequenos trabalhos de renda, bordando [...]” (COSTA, 2001, p. 52).

O menino Machado de Assis nasceu livre, “com a escravidão escondida atrás de duas gerações, poderia vir a ser até caixeiro” (COSTA, 2001, p.53). No ano de 1851 a 1853 Machado de Assis contraiu a febre amarela:

Franzinho e frágil, não deveria escapar aos grandes diabos. Estava chegando na idade em que os poetas começavam a morrer. Poetas? Mas sim, nosso amigo queria ser poeta. Claro que a essa altura já sabia ler e escrever o português, e não só o português como o francês... O português aprendera em casa, ainda menino, com a mãe e o pai [...] o francês é que certamente não escutou ai (COSTA, 2001, p.54).

Machado superou as adversidades, as doenças e com apenas quinze anos conseguiu acesso a sociedade Petalógica. A sociedade Petalógica era uma sociedade que se reunia na casa de Paula Brito e nela os intelectuais da época trocavam informações e debatiam sobre diversos assuntos:

Quereis saber do último acontecimento parlamentar? Era ir à Petalógica. De uma nova ópera italiana? Do novo livro publicado? [...] da última peça de Macedo ou Alencar? [...] Os petalógicos, espalhados por toda a superfície da cidade, lá iam, de

lá saiam, apenas de passagem, colhendo e levando notícias, examinando boatos, farejando acontecimentos, tudo isso sem desfaltar os próprios negócios de um minuto sequer. (COSTA, 2001, p. 55-56)

Não se sabe como foi o primeiro contato de Machado de Assis com Paula Brito, o que se sabe é que Machado, aos 15 anos de idade, fez amizade rápida e duradoura com ele (COSTA, 2001) e a partir deste encontro, Machado adentra a esse cenário com grandes figuras da época, como bem destaca Costa (2001):

[...]começou a frequentar a casa, participar da Petalógica junto com grandes figuras da época, o velho Montezuma, o guerreiro da independência, Justiano José da Rocha, o antigo menino que distribuía as listas de adesão ao “Fico”, filho de Joaquim José da Rocha, filho de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, e já considerado um dos maiores oradores do tempo; e ao lado de Domingo José Gonçalves de Magalhães, o autor d’*O Araguaia*, Joaquim Manuel de Macedo, d’*A Moreninha*, Manuel Antônio de Almeida, das *Memórias de um Sargento de Milícias*, que representavam a consagração literária (COSTA, 2001, p. 56).

Sem sombra dúvida, esse contato com a Petalógica foi um divisor de águas na vida de Machado de Assis, a partir desse contato, ele começa sua carreira como escritor, carreira esta que não se poderia imaginar que seria tão importante, promissora, duradora e no meu ponto de vista, atemporal. Pois muito de suas obras, muitas questões nelas levantadas nos levam a reflexões que até hoje se fazem atuais.

Em 1854, com apenas quatorze anos, Machado publica seu primeiro trabalho literário no *Periódico dos Pobres* intitulado: *À Ilma Sra. D.P.J.A.* No dia 12 de janeiro de 1855, com apenas 15 anos, na *Marmota Fluminense*, Machado publica seu primeiro poema. Em abril de 1858, já com 19 anos, Machado publica também ainda na *Marmota Fluminense*, seu primeiro “texto de crítica madura” (COSTA, 2001, p. 63), intitulado: “O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura”.

No ano de 1856, entrou para a Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo. Na ocasião conheceu Manuel Antônio de Almeida que se tornara seu protetor. Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) e permaneceu neste cargo por mais de dez anos. A ABL ficou conhecida na época por “Casa de Machado de Assis”¹.

Segundo Monnerat (2009, p. 02), autora do artigo “As Faces n(O)/‘O (E)Espelho: seleção lexical e construção de identidade”, Machado de Assis possuía um estilo muito peculiar de escrever seus textos, este escritor destacava-se por apresentar na maioria deles estilos “conciso(s), elíptico(s) artiloso(s)”, irônicos e céticos.

¹ Para mais informações, acesse: www.academica.org.br.

Em suas obras, Machado de Assis debatia sobre ideias paradoxais, as quais fazem com que seus textos sejam considerados sempre atuais. Cronista, romancista, poeta, teatrólogo e jornalista, Machado é um autor que possui uma vasta coleção de escritos, dentre eles, podemos destacar seus romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), e contos como “O Alienista” (1882), “A Teoria do Medalhão” (1881), “A Missa do Galo” (1893) e “O Espelho” (1882), este último, foco de análise do presente trabalho.

De acordo com JohnGledson (2006), em seu livro *Por um novo Machado de Assis*, em seu capítulo primeiro intitulado: “O machete e o violoncelo: Introdução a uma antologia dos contos de Machado de Assis”, Machado ao longo de sua vida de escritor (1858-1907) escreveu aproximadamente 200 contos. A maioria dos contos machadianos foram publicados primeiramente em revistas e jornais.

Há uma discussão sobre a qualidade literária de Machado de Assis contista e romancista, trago como exemplo a biógrafa Lúcia Miguel-Pereira que considera Machado de Assis melhor contista do que romancista. Ivan Junqueira (2009), à luz de JohnGledson (2006), diz, em seu artigo intitulado “Machado de Assis e arte do conto”, que apesar de não compartilhar plenamente desta opinião da biógrafa Lúcia Miguel, não nega que os contos machadianos nem sempre foram tão enaltecidos quando comparado aos seus romances:

Esses contos foram sempre relegados a segundo plano com relação aos romances, muito embora como contista seja ele um dos mais finos cultores entre nós, podendo ser comparado, sem nenhum favor, aos mais refinados de sua época em qualquer literatura, como Tchekhov, Maupassant ou Henry James (JUNQUEIRA, 2009, p. 116).

Junqueira (2009) traz em seu artigo também os nomes dos críticos que mais estudaram Machado de Assis como: Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Raymundo Faoro, José Carlos Garbuglio, Valentim Facioli, Paul Dixon e, um dos mais recentes, JohnGledson e dá um destaque maior a este último autor.

Segundo Junqueira (2009), baseando-se nos estudos de JohnGledson, os aspectos mais marcantes dos contos machadianos são a tendência por anedotas, a valorização de aspectos considerados triviais da vida social, mas que ao mesmo tempo consegue mergulhar em assuntos mais profundos e paradoxais.

Segundo John Gledson (2006), como de costume do século passado e deste, a maioria dos contos de Machado foram publicados primeiramente em revistas e jornais. Ainda o mesmo autor afirma que “Machado gosta muito de anedotas, e de focalizar detalhes

aparentemente triviais, mas que lançam uma luz inesperada sobre assuntos importantes” (GLEDSON, 2006, p. 35). Esse estilo da escrita machadiana talvez se deva ao fato de este escritor ter sido um leitor assíduo e um admirador de autores tais como Esopo, La Fontaine, Swift e também, por sua preferência por “gêneros mistos, metade ensaio, metade ficção, como Charles Lamb ou Thomas Carlyle” (JUNQUEIRA, 2009, p. 116).

É inegável que os contos machadianos, em sua grande maioria, estejam intrinsecamente ligados à sua relação com Rio de Janeiro, sua cidade natal. Machado passou praticamente toda sua vida no Rio de Janeiro. Seus contos foram organizados em coletâneas e são elas: *Contos Fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1837), *Papéis Avulsos* (1882), *História sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias da casa velha* (1906), além dessas coletâneas, existem duas outras publicações póstumas de Machado: *Outras relíquias* (1910) e *Novas relíquias* (1932).

Junqueira (2009, p.116) busca, ao estudar os contos machadianos, compreender do que eles tratam e entender também a matéria desses contos que de “tão humana e enraizadamente brasileira se mantém viva em nossas mentes e em nosso imaginário”. Apesar de não ser o foco deste trabalho, vale lembrar que Machado de Assis dá destaque a personagens femininas em diversos contos:

E são essas mulheres que povoam considerável parte dos contos machadianos, nos quais se analisa com minudência percuciente e até com certa crueldade seus pequenos dramas e angústias. Bastaria lembrar aqui, entre outros, os magistras perfis femininos que desfilam em *Miss Dollar*, *A mulher de preto*, *O segredo de Augusta*, *Confissões de umaviúva moça* [...] para ter uma idéia do quanto Machado de Assis mergulhou na alma de seus volúveis modelos (JUNQUEIRA, 2009, p. 117).

Podemos ainda acrescentar outras vertentes dos contos machadiano tais como o “humorismo, a ironia, o ceticismo, a análise psicológica, a crítica aos costumes, a dúvida, a hesitação, a ideia fixa de perfeição, a loucura, o antagonismo aparência e realidade, os conflitos de dupla personalidade”(JUNQUEIRA, 2009, p. 117) e acrescentaria aqui, a construção – crise – desconstrução da identidade do indivíduo social características presentes, por exemplo, no conto “O Espelho” que é foco da análise deste trabalho. Além dessas características, vale ainda ressaltar o estilo incomparável Machadiano:

E há, acima de tudo, o estilo incomparável, esse estilo de vaivém, que se materializa nos volteios e oscilações do pensamento, na fluidez da linguagem, na ambiguidade do processo narrativo e até mesmo na evanescência do enredo, o que o aproxima de um contista da estirpe de Tchekkov. Talvez a nota mais vívida desse estilo seja a oralidade, o que confere aos contos machadianos aquele tom de conversa de quem

conta uma história, de modo que neles quase não se percebe a diferença entre língua escrita e língua falada (JUNQUEIRA, 2009, p. 117).

Em relação às personagens machadianas, Junqueira (2009, p. 117) destaca características tais como a “da duplicidade comportamental ou mesmo a polissemia psicológica”. Muitas personagens de seus romances e contos trazem a tona questionamentos, dúvidas e insatisfações, além disso, Junqueira (2009) destaca que os contos machadianos não há “nenhuma espécie de ação, mas apenas movimentos concêntricos de introversão”. Machado se interessava pela “análise da análise” pelo senso crítico, pelas contraversões, pela dúvida e pela crítica a sociedade em que viveu (JUNQUEIRA, 2009, p. 119).

No final da década de 1870, Machado de Assis passa por uma mudança radical em sua carreira, alguns estudiosos como John Gledson acreditam que essa mudança teve influência devido ao seu estado de saúde (Machado ficou muito doente nesse período) e também a uma chamada “crise dos quarenta anos”, que podem ter ajudado nessa virada uma virada radical e moral de seus textos:

Em princípios da década de 1870, já casado e com um emprego mais seguro [...] Machado podia ser mais direto e ousado. “Mariana” publicado no ano da Lei do Ventre Livre (1871), ocupa-se outra vez da escravidão, e de modo muito mais realista, ainda que a história se passe agora em ambiente doméstico (GLEDSON, 2006, p. 42).

Em sintonia com o que foi dito acima, Guimarães (2009), em seu artigo intitulado “O Machado terra-a-terra de John Gledson”, apresenta em linhas gerais a relevância dos ensaios produzidos por John Gledson sobre a obra machadiana e diz que Machado de Assis era um escritor patriota, nacionalista, e também um crítico, sobretudo no que dizia respeito às questões políticas que emergiam no Brasil na transição do Império para República no final do século XIX e início do século XX:

Dotado de um “pensamento histórico”, com idéias próprias sobre a história brasileira, fascinado com a questão da problemática da unidade de uma nação fraturada, e que certa altura passa a enxergar o Brasil como um país incapaz de uma verdadeira organização, adotando uma postura política pessimista (GUIMARÃES, 2007, p. 261).

Em seus contos, Machado de Assis abordava questões triviais, corriqueiras, mas também questões paradoxais, subjetivas e traçava psicologicamente suas personagens. Ao traçar essas personagens, além de uma análise psicológica pode-se também ser feita uma

análise sociológica do indivíduo- social que emergia no final do Império e início da República.

Machado traz em seus contos sempre um toque de ironia, gosta de estabelecer relação com o leitor, gosta de dialogar com ele, cabe ao leitor, por sua vez “juntar e montar as peças, para extrair um sentido que muitas vezes se estabelece na contramão das percepções dos próprios narradores” (GUIMARÃES, 2007, p. 262). Assim como Junqueira (2009), Guimarães (2007) também traz à tona a questão da valorização e destaque que Machado de Assis dá as suas personagens femininas, criticando “as restrições a elas impostas pela sociedade conservadora, o que permite chamá-lo de feminista” (GUIMARÃES, 2007, p. 263).

1.1 Contextualizando o conto “O Espelho”

Agora que já vimos um pouco sobre a vida e as características mais gerais do conto Machadiano, adentrarei mais especificamente no conto “O Espelho”, objeto de estudo do presente trabalho, como dito anteriormente.

Machado publicou o conto “O Espelho”, dentre outros, no jornal *Gazeta de Notícias*. A *Gazeta de Notícias* foi fundada em 1878, era um jornal diferenciado, pois segundo John Gledson (2006) “era um jornal liberal no melhor sentido da palavra, politicamente independente, vivo e empenhado em apoiar boas produções literárias. (GLEDSON, 2006, p. 38). No contexto da publicação do conto “O Espelho” vale ressaltar que no final da década de 1870, Machado de Assis passou uma transformação radical e moral em seu trabalho, já não cabia mais retratar certas temáticas como a escravidão e os privilégios sociais por um viés conformista e por isto “teve de recorrer a uma narração indireta que não era somente irônica, mas de uma ironia total e radical” (GLEDSON, 2006, p. 44).

A coletânea *Papéis avulsos* segundo John Gledson (2006, p. 45) é “a mais notável coletânea de Machado, a mais original e a mais radical [...]”. Machado conseguiu de forma mítica ser digno de comparação a autores como Dostoiévski, Robert Louis Stevenson, Kafka entre outros.

Gledson (2006, p.46) faz ainda uma analogia ao aproveitar a fala de um dos personagens do conto Machadiano intitulado “O Machete” para aludir que machado traz em seus contos “algo sério e profundo, ao mesmo tempo leve e zombeteiro: uma mistura também, do local brasileiro com o tradicional europeu”:

Machado encontrou outras saídas menos drásticas, que quase sempre implicaram em não levar as coisas a sério, tratando-as com desrespeito bem humorado ou sarcástico. [...] Nesses contos, as soluções são tanto ou mais engenhosas; todas as suas circunstâncias estão envoltas em ironia, que simplesmente abrem espaços para outras ironias. Isso explica a sensação de quase vertigem que às vezes essas histórias proporcionam. (GLEDSON, 2006, p. 46).

O personagem Inácio enlouqueceu ao tentar unir os instrumentos: o machete e o violoncelo, já para John Gledson (2006), Machado conseguiu de forma menos drástica ter mais sucesso que Inácio.

1.2 O Espelho – um resumo

Para melhor compreender estas questões acima apresentadas, e também para compreender mais a frente às questões acerca da identidade a partir da personagem Jacobina, apresento agora um resumo do conto “O Espelho”.

O conto “O Espelho” se passa numa casa no morro de Santa Teresa, numa sala iluminada a velas “cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora” (ASSIS, 1994, p. 1). Nesta sala havia quatro cavalheiros que discutiam sobre as mais diversas questões filosóficas. Havia um quinto cavalheiro também que estava “calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação” (p. 1). O nome deste quinto personagem é Jacobina.

Jacobina tinha a mesma idade dos companheiros, entre “quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece astuto e cáustico” (ASSIS, 1994, p. 1). Jacobina não gostava de discussões. Um dos cavalheiros pediu uma opinião à Jacobina e este disse que daria se todos concordassem em ouvir calados.

Jacobina começa a falar e esboçar sobre teoria da alma humana dizendo que não existe apenas uma alma, mas duas almas, uma que olha de dentro para fora e outra de fora para dentro. A alma exterior pode ser “um espírito, um fluido, um homem, muitos homens etc. [...]”, e que o “ofício dessa alma é transmitir vida como a primeira alma: as duas completam o homem que é, metafisicamente falando, uma laranja” (ASSIS, 1994, p. 2).

Para explicar melhor sobre o esboço da sua nova teoria da alma humana, Jacobina conta um episódio de sua juventude. Ele tinha vinte cinco anos, era pobre, e acaba de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Sua família, mãe, primos, tios ficaram muito

orgulhosos. Uma de suas tias D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava em um sítio afastado, desejava ver Jacobina.

Jacobina foi então visitar sua tia, chegando lá, sua tia D. Marcolina o encheu de elogios, estava orgulhosa de seu sobrinho, bajulava-o a todo tempo chamando Jacobina de “seu alferes”. Tia Marcolina presenteou Jacobina com um espelho vindo da corte de D. João em 1808, esta mobília destoava de todas as outras, era a melhor peça da casa. Esse excesso de bajulação juntamente com a vaidade da juventude fez com que Jacobina eliminasse sua alma interior: “o alferes eliminou o homem”. No fim de três semanas Jacobina “era outro, era totalmente outro, era exclusivamente Alferes” (ASSIS, 1994, p. 4).

Sua tia Marcolina teve que se ausentar do sítio porque sua filha se encontrava em leito de morte. Ela pediu a Jacobina que tomasse conta do sítio. Jacobina ficou então sozinho cuidando do sítio e dos poucos escravos da casa. Os escravos também bajulavam Jacobina: “Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel” (ASSIS, 1994, p. 2), mas na verdade eles estavam debochando de Jacobina e tramando uma fuga.

Os escravos fogem e Jacobina se vê completamente sozinho naquele sítio, até os cães foram levados pelos escravos. Jacobina ficou triste por causa do dano causado a sua tia, perplexo por não saber se devia ir ao encontro da tia para lhe contar o que ocorrera ou se ficava tomando conta do sítio, mas acabou decidindo-se por ficar tomando conta da casa.

Como ninguém retornava, os dias foram passando e Jacobina começou a ficar muito angustiado, sua solidão tomou proporções enormes, para ele, o tempo passava lentamente e os dias eram longos. Sentia alívio apenas quando ia dormir o sono eliminando a alma exterior deixava a sua alma interior atuar. Mas quando acordava ficava dependente da alma exterior que teimava em não aparecer.

Jacobina só tinha a companhia do espelho, decidiu-se então olhar-se no espelho e tinha receio de achar-se “um e dois” e quando ele se olhou no espelho, viu uma imagem difusa, vaga e esfumaçada.

Jacobina teve medo de ficar mais tempo na casa da Tia Marcolina e enlouquecer e o fato de ser não conseguir se enxergar nitidamente no espelho corrobora para essa loucura. Então, ele pensa em ir embora, mas pouco depois, teve a ideia de vestir sua farda de alferes e se olhar no espelho novamente.

Fardado, Jacobina já não se via mais distorcido, agora ele via uma figura integral: “nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso” (ASSIS, 1994, p. 6) era ele mesmo, o alferes. Desta maneira, ele reencontra sua alma exterior. Com isto, decide a cada dia se vestir por algumas horas com a farda e se sentar em frente ao espelho para ler, meditar e se olhar.

Com essa estratégia, Jacobina ainda pôde atravessar mais seis dias de solidão.

O conto termina com o autor-narrador (Machado) dizendo que quando os outros cavalheiros voltaram a si (provavelmente cochilaram), o personagem-narrador tinha descido as escadas.

Agora que já foi apresentada uma breve biografia de Machado de Assis, sua faceta enquanto escritor de contos, as características mais gerais de seu estilo de escrita enquanto contista e um panorama sobre o conto “O Espelho”, No próximo capítulo (capítulo 02), apresentarei noções gerais do gênero conto e seu nascimento no Brasil e também, algumas perspectivas sobre a problemática da identidade com ênfase na construção da identidade da personagem Jacobina que vai se desenvolvendo no desenrolar do conto.

CAPÍTULO 2

QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE

Cada criatura humana traz duas almas consigo:
uma que olha de dentro para fora, outra que olha
de fora para dentro.

(Machado de Assis, “*O Espelho*”)

Neste capítulo, abordarei algumas questões que dizem respeito ao nascimento do gênero conto no Brasil e suas principais características. Em seguida, apresento algumas perspectivas sobre questões de Identidade na construção da personagem Jacobina no conto “O Espelho”.

2.1 O Gênero Conto no Brasil

Não é fácil precisar uma data inicial para a história do gênero conto no Brasil. Esta imprecisão está ligada “a falta de prestígio que ele tinha, no momento áureo da criação do romance”, e também por que havia uma “dificuldade inerente de classificá-lo” (PARRINE, 2008, p. 473).

A autora Parrine (2008), em seu artigo intitulado “Aspectos de Teoria do Conto em Machado de Assis”, baseando-se em Lima Sobrinho (1960), diz que havia uma estreita vinculação entre as atividades do jornalista e as atividades do contista (*conteur*) e por conta deste fato, observa-se “a poderosa influência do periódico na expansão e multiplicação do conto moderno” (PARRINE, 2008, p. 473), graças a este fenômeno, o gênero conto se torna um gênero mais circulável.

Através da aquisição dos jornais a população tinha mais acesso aos contos, é certo que existiam jornais que precisavam de assinatura, contudo, outros não necessitavam e eram vendidos nas ruas para quem se interessasse em comprar. Vale ressaltar também que antes, os textos literários eram dirigidos a um público mais “palaciano ou a uma nobreza mais restrita” (PARRINE, 2008, p. 473), com este fenômeno de circulação, o gênero conto passa também a ter uma abertura e alcance maior do grande público.

Ainda sobre a construção do gênero e sua estética vale lembrar que “a aproximação entre o jornalismo e a literatura se apresenta, não só em termos estilísticos, mas no que diz

respeito ao público, ao leitor implícito, à circulação social” (PARRINE, 2008, p. 473), em que esse fenômeno se deu inicialmente. Para compreender quando de fato o conto literário começa no Brasil é preciso recorrer aos primeiros textos publicados deste gênero. Para Edgar Cavalheiro, o conto se inicia com Norberto de Sousa e Silva com a publicação de “Duas órfãs”, já para Barbosa Lima Sobrinho o início no conto no Brasil tem dois marcos:

[...]o precursor romântico, uma espécie de gênero intermediário entre crônica e conto, “A caixa e o tinteiro”, de Justiano José da Rocha, publicado em um jornal em 1836. Entretanto, “se exigirmos um mínimo de qualidades literárias”, segundo Lima Sobrinho, o conto literário “*começa mesmo com Machado de Assis*” (PARRINE, 2008, p. 474).

A maioria dos críticos concorda que o conto literário brasileiro começou mesmo com Machado de Assis, com a publicação de “Três tesouros perdidos” no ano de 1858.

Os contos machadianos ganham esse destaque por sua qualidade literária e estética. Vale salientar ainda que a dificuldade de classificar ou de definir o gênero conto passa por sua “instabilidade inerente” (PARRINE, 2008, p. 475), como é observado nos primeiros contos. Alguns contos eram publicados com o nome “romance” e não de conto mostrando mais uma vez a instabilidade do gênero e suas características híbridas. Temos como exemplo o conto “Miss Dollar” de Machado de Assis:

Em seu primeiro livro de contos, Contos Fluminenses, Machado de Assis inclui junto aos outros contos, um texto que ele chama de “romance” “Miss Dollar”, em capítulos. Essa espécie híbrida aparecerá outras vezes, no caso de “O alienista”, e “Igreja do diabo” [...] (PARRINE, 2008, p. 475).

Machado, em algumas de suas explicações sobre o que ele mesmo compreendia por conto, dá destaque aos contos de Poe e Merimée e lhes confere um *status* de obras-primas. Parrine (2008), ao citar Alfrânio Coutinho (1971), explica que Machado demonstrou ao nomear as obras de Poe e Merrimée como obras-primas uma preferência no que diz respeito ao gênero conto fantástico.

As características do conto fantástico, grosso modo, e sua relação com a evolução do conto brasileiro, se dão pelo fato da “fixação primordial de alguns dos seus fatores preponderantes, em especial quanto à forma, apresentação das personagens, exposição dos episódios, preparação do clímax [...]” (COUTINHO, 1971 apud PARRINE, 2008, p. 475). Além disso, observa-se que os contos machadianos possuem certas características em comum:

poucas personagens, tempo e espaço delimitados, desfecho muitas vezes irônico, como o caso, por exemplo, do conto “O Espelho”.

Ou seja, pode-se afirmar de certo modo que Machado de Assis foi delineando, na prática, ao escrever seus contos, a estrutura do conto brasileiro, sua característica, sua estética e seu valor e reconhecimento literário.

Em consonância com Parrine (2008), Gomes e Almeida (2012), no artigo intitulado “O Gênero Conto: A organização textual-discursiva em narrativas eletrônicas”, apresentam a composição deste gênero de maneira concisa, porém muito interessante. As autoras, tendo como referência os estudos de Sarmiento e Tufano (2004), dizem que os elementos que compõe o gênero conto são: o conflito, o clímax, as personagens, o tempo, o espaço e o desfecho.

No *enredo* tratamos da “história propriamente dita, na qual os fatos são organizados de acordo com os acontecimentos”, já o *conflito* tem como característica envolver o leitor com a história. O *clímax* é o ponto mais alto da narrativa, as *personagens* são “os seres reais ou imaginários participantes da história”, o *tempo* diz respeito ao(s) momento(s) em que acontece(m) os fatos. O *espaço* diz respeito ao(s) lugar(es) ocorrem os fatos. E por fim, o *desfecho* o momento o qual acontece o desprender dos fatos. (GOMES; ALMEIDA, 2012, p.5).

Para Poe, no que diz respeito à forma do conto, “o tamanho do texto é fundamental” (PARRINE, 2008, p. 476). A mesma autora também aponta os estudos de Júlio Cortázar (1947), autor do artigo “Alguns aspectos do conto”, que se preocupa também sobre as questões da unidade do conto. Parrine indica que Cortázar, em consonância com Poe, considera que um dos aspectos essenciais do conto é também o limite físico do texto, ou seja, seu tamanho.

No caso do conto “O Espelho”, pode-se observar que nesta narrativa há duas histórias: uma história que é contada dentro de outra história. O narrador-autor começa o conto apresentando as personagens: “Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos [...]” (ASSIS, 1994, p. 1). Faz uma breve descrição do ambiente onde se passa o enredo: “A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora [...]” (p. 1) e finaliza apresentando a personagem principal (Jacobina):

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. (ASSIS, 1994, p. 1).

O conto “O Espelho” possui essa característica de contar uma história dentro de outra história. O narrador-autor (Machado) que inicia o conto dá voz ao narrador-personagem (Jacobina) que continua a narrativa do narrador-autor (Machado). O narrador-personagem (Jacobina) narra praticamente noventa por cento dos fatos, no final do conto o narrador-autor (Machado) retoma sua fala e poucas linhas.

Esta é uma característica interessante a ser observada: a de dois narradores (narrador-autor e narrador-personagem) é importante lembrar que o contista com sua forma de narrar levar o leitor a decifrar as histórias.

2.2 Questões sobre identidade e a personagem Jacobina

Para compreendermos e analisarmos como se dá a construção da identidade do personagem Jacobina no conto “O espelho” é preciso antes disto, compreender melhor algumas questões teóricas sobre a identidade.

Em seu artigo “Tensões de Identidade Pessoal no Espelho de Machado de Assis”, Castro (2012) discorre primeiramente sobre alguns conceitos de identidade. Ele rejeita as noções de identidade recorrentes à “naturalização” do termo como algo relacionado apenas aos atributos do indivíduo considerados como estáveis e permanentes e afirma que os estudos feitos no campo da Psicologia Social (como os de GONÇALVES, 2001; CIAMPA, 1997, 1999) trazem um novo olhar sobre o termo identidade:

Se a análise de identidade de um indivíduo, enquanto pessoa marcada por variadas vivências subjetivas, pode ser percebida numa convergência teórica em relação à análise histórica, constata-se a abertura de um novo campo interdisciplinar para as pesquisas psicossociais: a compreensão do indivíduo-sociedade, em sua confluência entre história, subjetividade, literatura e cultura (CASTRO, 2012, p. 619).

Ao demarcar as circunstâncias e os contextos sócio-históricos, podemos compreender melhor o desenvolvimento do ser humano, ou seja, do indivíduo-moderno e sua identidade social. Castro (2012, p.620) ainda explica que no século XIX, a sociedade brasileira passava

por uma transição importante. O modelo de sociedade patriarcal transitava para uma nova ordem urbana de sociedade na qual pela primeira vez os indivíduos, doravante, indivíduos-sociais, podiam transitar de uma classe social para outra por mérito e esforços, mas é preciso compreender que isto se deu de forma muito lenta e gradual e na prática, sabemos que até hoje esse modelo patriarcal se faz presente na sociedade brasileira.

Neste contexto, estudiosos de Machado de Assis, elucidam que o escritor, a partir de suas obras literárias, denunciava “a inconsistência desse projeto de modernidade que desejava produzir a unidade do “*indivíduo-cidadão*”. Na perspectiva de Paul Ricoeur apresentada por Castro (2012), o pressuposto básico é “que a ação de compreender-se a si mesmo e de narrar-se ou de deixa-se narrar estão mutuamente implicadas”. Ricoeur (1991) apresenta dois conceitos distintos de identidade: *idem* “identidade como mesmidade” e *ipse* “identidade como ipseidade”. Esses conceitos se relacionam à noção de tempo de uma dada narração. Segundo Castro (2012, p.621) o pressuposto básico de Paul Ricoeur e que “a ação de compreender-se a si mesmo e de narra-se – ou de deixar-se narrar – estão mutuamente implicadas.”

Segundo Ricoeur (1991), a narratividade e a temporalidade interagem entre si de maneira dinâmica e recíproca. Ou seja, a identidade narrativa vai “atribuir e manifestar temporalidade implícita na existência humana” e a temporalidade é a “estrutura da existência que acede à linguagem mediante a narratividade” (CASTRO, 2012, p.620).

Castro (2012, p. 621) apresenta, a partir dos estudos de Paul Ricoeur, duas significações de identidade para se trabalhar a identidade narrativa: identidade como *mesmidade* e identidade como *ipseidade*. A *mesmidade* é quando há a ocorrência de uma mesma coisa em dois momentos diferenciados, como por exemplo, a repetição de atitudes e ações de um determinado indivíduo moldando assim o seu caráter:

O caráter como forma de permanência da identidade (*ipse*) no tempo, significa basicamente o conjunto de disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa. O hábito dá uma história ao caráter que assegura tanto a identidade numérica (ocorrências de ações que se repetem) quanto a permanência da identidade no tempo. Dessa forma o caráter define o “*ipse*” mas esse “*ipse*” se anuncia como “*idem*”.(CASTRO, 2012, p. 621).

Em outras palavras, a *ipseidade* está relacionada à construção e continuidade de um “primeiro e último estágio de desenvolvimento” sem interrupções. A *ipseidade* está relacionada à permanência no tempo, ou seja, uma identidade construída ao longo do tempo de determinado indivíduo e responde a pergunta: Quem sou eu?

Monnerat (2009), em seu artigo intitulado “As Faces N(O)/ O (E)/Espelho : Seleção Lexical e Construção de Identidade”, também discorre sobre questões acerca da identidade. A autora explica que quando um locutor toma para si a palavra, ou seja, quando ele produz seus enunciados, a construção de uma imagem de si próprio vai se delineando também nesse processo. Com isso, é fundamental nesse processo a escolha, prévia ou não, consciente ou inconsciente, *da maneira de dizer* (grifo da autora), de como esses enunciados serão produzidos. Monnerat (2009) afirma que:

É inegável que a *maneira de dizer* induz a uma imagem que pode facilitar ou condicionar a boa realização de um projeto, isto é, por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador. Os episódios da história em que cada um conta têm sua unidade a partir do pressuposto de que cada indivíduo desenvolve um certo conceito de si. (MONNERAT, 2009, p. 3).

Os estudos de Aristóteles, na Retórica tradicional, apontam para o fato de que a imagem que é projetada por meio do discurso é designada como *ethos*. O *ethos* se caracteriza pela capacidade de persuasão, do poder de convencimento e da credibilidade, o *ethos* está relacionado diretamente aos meios discursivos escolhidos, ou seja, a maneira de dizer e com isto, o orador produz uma imagem de si favorável. Monnerat (2009) apresenta os três meios discursivos classificados por Aristóteles: O *ethos*, que acabara de ser apresentado e o *pathos* e o *logos*:

O *pathos* diz respeito ao auditório, ou seja, aos atributos do público-alvo, às emoções vividas pelo auditório, e o *ethos*, por sua vez, refere-se aos atributos do orador, isto é, aos traços de caráter que o orador quer mostrar ao público, ou as paixões que suscita no auditório. (MONNERAT, 2009, p. 4).

Na análise do discurso, essas noções da Retórica tradicional foram retomadas e reformuladas. Monnerat (2009) baseando-se a Maingueneau (2008) apresenta essa nova noção de *ethos*. O *ethos* que representava a noção da “imagem” agora representa a noção de discurso, ou seja, o *ethos* vai se construindo através do discurso, o *ethos* é interativo, exerce influência sobre o outro, é uma noção também sociodiscursiva uma vez que não pode se desassociar de uma certa situação de comunicação, dada num determinado momento sócio-histórico.

Monnerat (2009) também relaciona essa nova noção de *ethos* com a noção de representação de si mesmo postulada por Goffman (1999): a representação “seria então a totalidade de atividades desempenhadas por um sujeito, em uma dada ocasião, para

influenciar o outro, o que implicaria a definição de uma posição social a ser ocupada por esse sujeito” (MONNERAT, 2009, p. 6).

Segundo Monnerat (2009), Goffman classificou essa representação de si como “fachada”, podendo ser ela tanto social (fachada-social) quanto individual. Podemos relacionar essa questão com o conto *O Espelho* de Machado de Assis. Jacobina, o personagem principal, ao esboçar sobre teoria da alma humana, diz que todo ser humano carrega consigo duas almas, uma que olha de dentro para fora e outra de fora para dentro, esta construção de fora para dentro, pode ser também entendida com que Goffman (1999) chamou de face positiva correspondente a “fachada” social, ou seja, “a nossa própria imagem que pretendemos mostrar aos outros” (MONNERAT, 2009, p. 6).

No caso do conto “O Espelho”, Jacobina estava orgulhoso de sua conquista, fora nomeado Alferes da Guarda Nacional, e esta imagem era reforçada por sua tia Marcolina que o chamava não mais de Joãozinho, mas de “Meu alferes”. Contudo, quando Jacobina se viu sozinho, trapaceado pelos escravos que fugiram do sítio da tia Marcolina, pois, não sabia se permanecia no sítio para vigiá-lo ou se ia ao encontro de sua tia Marcolina para avisar que os escravos tinham fugido. Jacobina se via totalmente perdido, solitário e sem identidade.

Sua alma exterior já não existia mais. A alma exterior de Jacobina pode ser relacionada à face negativa apresentada por Goffman (1980 apud MONNERAT, 2009, p. 5), que “corresponde ao “território” de cada um, seu corpo, sua intimidade”.

A autora Silva (2014) em seu trabalho intitulado “A construção da Identidade em Machado de Assis e Tchekhov”, afirma, baseando-se nos estudos de Alfredo Bosi, que podemos classificar alguns contos machadianos como “contos-teoria”:

Nos contos-teorias são desenvolvidas teorias sobre o comportamento humano. A essência dessas proposições está na relação entre o “eu” subjetivo e o “eu” social. Contos como “O Espelho”, “A teoria do medalhão”, “O segredo do Bonzo” e “Um homem célebre” tratam das diferentes formas dessa relação. Em todos esses contos, a aparência vence. A alma pública (externa) está acima da alma subjetiva (interna) (SILVA, 2014, p. 87).

Os contos-teorias normalmente denunciam e analisam as mais diversas necessidades dos indivíduos, no conto *O Espelho*, por exemplo, Machado denuncia a necessidade dos indivíduos de estarem ligados a “aparência dominante” (SILVA, 2014, p. 88). Jacobina representa estas necessidades, fraqueza humana, as dúvidas, “a vida cotidiana e banal”, Jacobina pode ser entendido como alegoria de indivíduos reais no Brasil” (SILVA, 2014, p. 89):

Brasil na segunda metade do século XIX que começou o processo de urbanização, que alterou não apenas o espaço físico, mas também as relações sociais. As mudanças históricas perpassam os personagens dos contos. (SILVA, 2014, p. 89-90).

Ao analisar a personagem Jacobina, Silva (2014, p. 90) diz que “todo indivíduo possui um duplo em si mesmo. Jacobina, assim como todos os seres humanos, não nasceu com a alma pública (externa), ele foi adquirindo esta alma ao longo de suas relações e interações sociais. Além disto, em meados do século XIX e XX, ocorreu um fenômeno muito recente no Brasil: da possibilidade de ascensão social. Jacobina, por exemplo, não vem “de nenhuma família nobre e tradicional, não possui posses, ou seja, ascendeu socialmente por seus próprios méritos” (p. 91).

Jacobina quem narra o “Esboço de uma nova teoria da alma humana”, para ele existe, então, duas almas: uma que olha de dentro para fora – “identidade subjetiva (alma interior)” e outra alma que olha de fora para dentro – “identidade social (alma exterior)” (SILVA, 2014, p. 91).

É interessante observar estas questões, pois a alma externa (identidade social) de Jacobina é a que no final das contas que vai fazer diferença para ele. Esta identidade social, esta alma externa que olha de fora para dentro é “muito mais determinante para sua vida do que a primeira alma” (SILVA, 2014, p. 91), o que acaba fazendo com que Jacobina eliminasse completamente sua alma interna (identidade subjetiva): “O alferes eliminou o homem” (ASSIS, 1994, p. 3).

O papel que os indivíduos devem assumir na sociedade é um dos assuntos mais importantes no século XIX, sobretudo devido ao capitalismo crescente. Dentro do esquema da nova vida social, os indivíduos devem saber jogar o jogo das identidades. Desde cedo, as crianças são incentivadas a desenvolverem habilidades que as qualifique para a vida em sociedade. (SILVA, 2017, p. 94).

Não existe apenas uma identidade social, massim, diversas identidades sociais que vão se combinando identidade pessoal (subjetiva/a alma de dentro para fora) do indivíduo. Jacobina representa bem esta nova ordem social urbana e capitalista, onde a construção de uma identidade social acontece a partir da “legitimação de instituições sociais para validarem suas identidades” reforçadas pela interação com os demais indivíduos.

De fato não se pode mais pensar em identidade como algo relacionado apenas a tributos individuais de determinado indivíduo desassociando de seu contexto. Muito pelo contrário, compreende-se, de fato, que o contexto é fator determinante para a construção da

identidade. Os estudos de Ricoeur (1991), Castro (2012), demonstram também que o fator tempo é essencial para a construção da identidade, sua permanência ou suas modificações. Além disso para Ricoeur (1991, p. 138), “ a compreensão do si é uma interpretação de si”, essa ideia vai ao encontro do que Monnerat (2009) diz a respeito de que quando tomamos a palavra para si, construímos uma imagem de nós mesmo, ou uma representação como dizem os estudos retóricos, e , esta imagem de si, ou essa representação de si, se realiza segundo Ricoeur (1999) através da identidade narrativa. Produzimos normalmente, uma imagem de si favorável, contudo, é curioso observar que a imagem que Jacobina construiu de si mesmo – do jovem alferes de vinte anos atrás - não era favorável, muito pelo contrário, a todo o momento Jacobina tenta justificar o que o levou a ter determinados comportamentos e como foi se delineando sua identidade a partir dos acontecimentos. Silva (2014), ao analisar a personagem Jacobina demonstra que todo indivíduo tem um si duplo em si mesmo.

Com isto, podemos afirmar que não existe apenas uma única identidade. Muito pelo contrário, existe uma identidade subjetiva (alma interior) e uma identidade social (alma exterior). Esta identidade social inda pode se desmembrar em diversas outras identidades, pois ela é mutável e multiplicável.

Agora que foram apresentados alguns conceitos sobre identidade, no próximo capítulo, farei uma análise da personagem Jacobina tentando compreender melhor como essas identidades vão aparecendo, desenvolvendo-se, sumindo e reaparecendo ao longo do conto “O Espelho”.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DO CONTO *O ESPELHO*

A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói, segundo as situações de vida em sociedade. Ela está sempre em movimentos; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente.

(Denys Cuche, “*A noção de cultura nas ciências sociais*”)

O presente capítulo tem como objetivo analisar algumas características do conto “O Espelho” a partir de Gledson (2006), Parrine (2008) Monnerat (2009), e também da personagem Jacobina, a partir dos estudos sobre a identidade baseados nas perspectivas apresentadas por Ricoeur (1991), Ciampa (1984) e Berlatto (2009).

O cenário do conto “O Espelho” é uma casa no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas e a luz que vinha de fora penetrava misteriosamente à luz do ambiente. A partir do cenário apresentado acima podemos observar um “claro-escuro” (GLEDSON, 2006, p. 47), da situação, pois já de início Machado de Assis trabalha com esse jogo de incertezas e dúvidas.

Jacobina é a personagem principal do conto e também um dos narradores. O autor-narrador (Machado) é quem inicia o conto e em seguida, a narração é passada ao narrador-personagem (Jacobina), este dá continuidade narrativa e adentra a outra história. Como dito no capítulo 02, esta é uma característica presente no conto “O Espelho”: de apresentar duas histórias (uma dentro da outra). Jacobina, então, é quem narra o “Esboço de uma nova teoria da alma humana” – subtítulo do conto.

As personagens secundárias são: os cavalheiros, tia Marcolina e os escravos. Ao longo do conto os quatro cavalheiros fazem pouquíssimas intervenções e só reaparecem no final do conto quase que esquecidos. As personagens tia Marcolina e os escravos aparecem no conto quando Jacobina narra um caso curioso que viveu em seu passado.

Voltemos a Jacobina: quatro ou cinco cavalheiros discutiam sobre questões filosóficas e metafísicas, o autor-narrador neste momento apresenta e descreve também o quinto cavalheiro – Jacobina: “ [...] havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não de um ou outro resmungo de aprovação”(ASSIS, 1994, p. 1).

Jacobina não parecia estar muito interessado em debater com os outros personagens aparentemente. Além disso, podemos observar também que Machado utiliza-se de recursos como a dúvidas e incertezas em sua narração, pois o próprio narrador-autor diz: “Quatro ou cinco cavalheiros discutiam [...]” (ASSIS, 1994, p. 1) e mais adiante Machado explica o porquê de ter dito isto. Esse estilo de narração que Machado escolhe para o conto explica “a sensação de quase vertigem que às vezes essas histórias proporcionam” (GLEDSON, 2006, p. 45).

Quando a personagem Jacobina toma a palavra, ele esboça sua teoria sobre a alma humana:

– Em primeiro lugar não há uma só alma, há duas...

– Duas ?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro [...] (ASSIS, 1994, p. 2).

John Gledson (2006, p. 48) afirma que “quando Jacobina começa a falar, suas palavras simplesmente redefinem a questão vital da existência (ou não) da alma (ou sua “natureza”) como coloca Machado, ou seja, no desenrolar do conto, Machado nem afirma e nem nega a existência de duas almas, ele simplesmente conta uma história como narrador-autor e depois outra história é contada pelo narrador-personagem (Jacobina).

Ao fazer essa escolha de dois narradores, Machado encontra um meio de se abster ou de expor suas ideias através desta metalinguagem e adentra nesse jogo de um posicionamento ou de um não posicionamento, como ressaltado anteriormente, causando assim, as dúvidas, incertezas, paradoxos e ironias e por conseqüência, deixando sua opinião no “claro-escuro” como o cenário do próprio conto.

Concordo com Silva da Silva (2014, p. 92), quando ela diz, no que se refere ainda aos narradores, que “os dois narradores representam uma luz que vem fora e outra que vem de dentro, metaforicamente falando como no espelho”. Em outras palavras, um olhar voltado para si (subjetivo) e um olhar voltado para o outro (relacional/social).

Agora em relação às questões acerca da problemática da identidade vários aspectos podem ser levantados e estudados. Neste trabalho busco compreender as seguintes inquietações: Como a identidade da personagem Jacobina se constrói ao longo da história de sua vida? Em que momento há uma perda de identidade? Quando ele (re)constrói essa identidade?

As características que o narrador personagem apresenta sobre Jacobina são: provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, astuto, cáustico, não discutia nunca, grosso modo, que são os traços de identidade pessoal e social que temos da personagem. Vale ressaltar que a identidade social “é construída individualmente e socialmente” (BERLATTO, 2009, p. 141) a partir do social que conseguimos reconhecer, caracterizar um indivíduo. Mas como essas identidades se constroem?

A partir das interações do indivíduo com o mundo que o cerca que a identidade pessoal e a identidade e social vão se delineando. O contexto relacional é extremamente importante para a compreensão da identidade da personagem Jacobina:

[...] somente o contexto relacional pode explicar, por exemplo, por que num determinado momento uma identidade é afirmada ou reprimida. Por conseguinte, a sua construção realiza-se no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam suas representações e suas escolhas.

Em outras palavras, partir das interações do indivíduo com o mundo que o cerca que a identidade pessoal e a identidade e social vão se formando. Contudo, é interessante observar que a identidade pessoal é condicionada, justamente porque ela depende do contexto e das situações em que o indivíduo se encontra, a identidade pessoal nutrir-se, então, das estruturas e dos processos sociais e principalmente das relações sociais.

A identidade de Jacobina (sua alma exterior), era (re)afirmada por sua tia Marcolina que reforçava todo o momento as qualidades de seu sobrinho, além disto, sua tia estava muito orgulhosa de sua nomeação de alferes da Guarda Nacional. Quando Jacobina vai visitar sua tia, esta pede que ele leve a farda e ao chegar à casa de sua tia: “E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito [...] era sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora.”(ASSIS, 1994, p. 2).

Contudo, sua tia teve que partir do sítio, pois sua filha se encontrava muito doente e ela pediu a Jacobina que tomasse conta do sítio e dos escravos. Os escravos também mesmo que ironicamente e sem que Jacobina percebesse reafirmavam sua alma exterior: “Nhô alferes é muito bonito, Nhô alferes há de ser coronel, Nhô alferes há de se casar com moça bonita [...]. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes.”(ASSIS, 1994, p. 4).

Quando Jacobina fora trapaceado pelos escravos que fugiram do sítio levando até os cachorros, ele se sentiu completamente só. Como bem afirma Jonh Gledson (2006), é curioso notar que ele não estava com medo dos escravos voltarem e fazer alguma maldade com ele,

Jacobina estava mais preocupado com a solidão e ele teve mais medo dela. E como a manutenção da identidade depende da situação em que o indivíduo se encontra (contexto) e das relações que ele está implicado (interações sociais), Jacobina se viu completamente perdido e sem saber quem de fato quem ele era, ou seja, perdeu sua identidade social – que estava vinculada apenas a sua alma exterior – o alferes:

A concepção relacional e situacional de identidade percebe os membros de um grupo como os próprios atores que se atribuem uma significação a sua vinculação, em função da situação relacional que se encontram, visto que é no interior das trocas sociais que identidade se constrói e se reconstrói constantemente (BERLATTO, 2009, p. 142).

Como Jacobina não estava mais em nenhum ambiente relacional porque estava sozinho no sítio, este, não conseguia mais reconhecer-se, ele perdeu por um momento sua capacidade de enxergar-se, de nomear-se, ou seja, de se afirmar, mas pelo contrário, Jacobina tornou-se dependente do outro para a afirmação de sua identidade. Ao ver sua imagem distorcida no espelho, Jacobina não via com clareza sua própria imagem, não sabia mais o que era e quem era, a imagem era confusa:

Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. [...].

[...]Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer.

Segundo Ciampa (1984), o ponto de partida para compreender sobre o conceito de identidade parte da própria representação, ou seja, Jacobina se representava como Alferes e se identificava como tal. A identidade então pode ser “entendida como o próprio processo de identificação, ou seja, construída e consolidada desta maneira, ou pode ser desconstruída pelo processo de não identificação. Este dois movimentos foi o que ocorrera como Jacobina.

Jacobina criou uma estratégia para recuperar sua identidade, ou ao menos, parte dela, para que pudesse passar bem aqueles dias no sítio de sua tia. Ele passa a vestir-se de Alferes, senta-se em frente ao espelho e lá se reconhece:“ [...]Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior.”(ASSIS, 1994, p. 6).

Todos os dias como num ritual ele veste a farda e reconhece a si-mesmo. Podemos observar então, que a partir dos parâmetros e expectativas, como bem aponta Berlatto (2009),

criados pelo meio social, sua identidade foi (re)construída, em outras palavras, “são os ambientes sociais que determinam as categorias de pessoas que nelas podem ser encontradas” (BERLATTO, 2009, p. 148): pais, mães, filhos, professores, médicos, militares etc.

Concordo com Berlatto, e acrescento que a compreensão da identidade é de fato dialética. Não tem como afirmar que a identidade é tão somente um fenômeno social, da mesma maneira que não se pode afirmar que a identidade é tão somente um fenômeno individual, subjetivo, genético e/ou psíquico.

Além de ser dialética, a identidade se dá também num processo de construção, desconstrução, reconstrução e de manutenção. Como bem aponta Castro (2012, p. 621), os traços identitários que permanecem no tempo como “um conjunto de disposições duráveis”, moldam de certa maneira a identidade do indivíduo.

Para Ricoeur (1991), a característica da identidade como *mesmidade* é quando ocorre a repetição de um ou de vários traços identitários, tomadas de atitude, repetições – que desenvolve o caráter do indivíduo – e que ocorrem em tempos diferentes na vida desse indivíduo, sendo assim essa identidade é mantida.

Quando Jacobina começa a esboçar sobre sua teoria da alma humana, ele não esboça sobre a alma interior como faz com a alma exterior, mas ao falar um pouco sobre alma interior ele diz que ela tem também como objetivo “transmitir a vida” e acrescenta dizendo que as duas almas completam o homem:

Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock,² por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração.” Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. (ASSIS, 1994, p. 3).

No caso de Jacobina ocorre a seguinte situação: a perda da sua alma exterior, ou seja, da sua identidade social, implicou a perda de sua existência inteira. Ao perder sua identidade social, Jacobina também perde sua identidade pessoal, pois a identidade pessoal, além de estar intrinsecamente ligada e relacionada à identidade social, ela é condicionada “pelas expectativas que o grupo social estabelece ao seu portador” (BERLATTO 2009, p. 142), como já foi dito anteriormente.

² Shylock é um personagem fictício da peça *The Merchant of Venice* (*O Mercador de Veneza*), do dramaturgo inglês William Shakespeare.

Em outras palavras, enquanto Jacobina estava cercado por seus familiares, amigos e sociedade de um modo geral, sua identidade, enquanto alferes da guarda nacional, era enaltecida, reafirmada e mantida pelos grupos (família, amigos e sociedade) e por ele mesmo.

Quando Jacobina se vira trapaceado pelos escravos, sozinho no sítio, isolado e sem ninguém para se relacionar e interagir, sua alma exterior desaparece, ou seja, sua identidade não foi conservada.

A identidade de um indivíduo se constrói então, ao longo de toda a sua existência, em um movimento dialético entre pessoal e social, a perda da identidade de um indivíduo pode ocorrer por diversos fatores, no presente estudo, observamos que a identidade de Jacobina se perdeu quando ele fora trapaceado pelos os escravos do sítio de sua tia e se viu de certa maneira humilhado, sozinho e perdido porque não sabia se ia ao encontro da tia para contar o que havia ocorrido ou se permanecia no sítio para vigiá-lo. Acabou optando por ficar no sítio, e neste contexto em que ele se encontrava de total isolamento e solidão quase enlouqueceu. Olhava-se no espelho e via-se em uma imagem distorcida, não conseguia mais se reconhecer. Para conseguir sobreviver àqueles dias de solidão e para reconhecer-se a si mesmo, ou seja, para recuperar sua identidade, Jacobina utiliza-se da estratégia de vestir a farda de alferes, sentar em frente ao espelho por algumas horas, lia alguma coisa, fazia uma meditação, no fim de duas três horas, despia-se da farda. Desta maneira, ele conseguiu atravessar mais seis dias de solidão. Pelo menos em parte, por algumas horas, Jacobina conseguia identificar-se e reconhecer-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “O Espelho” traz elementos presentes nos contos machadianos tais como a dúvida, a loucura, a construção, a crise, a perda e reconstrução da identidade. Nos contos machadianos de modo geral, as personagens apresentam duplicidade comportamental justamente por sempre se deparem com esses elementos: dúvidas, insatisfações e anseios.

Em relação a personagem principal do conto “ O Espelho” – Jacobina, podemos compreender de que maneira Machado pretende traçar essa personagem. Neste conto, Jacobina é um dos narradores da história e também personagem. No primeiro momento do conto – tempo presente- Jacobina tem entre quarenta e cinquenta anos, aparenta ser um homem mais reservado, avesso a discussões, era capitalista, não sem instrução, e ao que parece (aos olhos do narrador- autor) astuto e cáustico.

Em seguida, quando Jacobina começa a narrar sobre sua teoria da alma humana – e neste momento se torna o personagem-narrador– conta um caso curioso que ocorrera em sua juventude quando ele tinha apenas vinte cinco anos de idade. Ao contar esse fato que ocorrera em sua juventude, Jacobina tenta por meio de seu relato comprovar sua teoria da existência de duas almas: uma que olha de dentro para fora (alma interior/ identidade subjetiva) e outra que olha de fora para dentro (alma exterior/identidade social).

A identidade de um indivíduo a depender das situações de vida em sociedade é construída e pode ser desconstruída A reconstruída. A identidade é construída individualmente e socialmente. A partir das relações com o mundo em que o indivíduo está inserido que sua identidade vai se delineando.

No caso de Jacobina, sua identidade social é de alferes da guarda nacional, antes sua alma interior (sua identidade pessoal) pode ser exemplificada com sua infância era dantes o Joãozinho. Na narração, Jacobina explica que sua alma exterior, ou seja, sua identidade social (alferes da guarda nacional) eliminou o homem, ou seja, sua alma interior, sua identidade pessoal. A partir deste fato nota-se que ele já não era mais o mesmo, estava incompleto, pois “quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.” (ASSIS, 1994, p. 2).

A identidade dos indivíduos passa também pela representação que se é dada a cada um. Jacobina até tentou não se representar unicamente como alferes da guarda nacional ao pedir a sua tia que o chamasse de Joãozinho como antes, contudo, o posto o qual ele se

encontrava, juntamente às bajulações que recebia e a vaidade que é inerente à própria juventude, fez com que o alferes eliminasse o homem.

Jacobina perde sua identidade quando se depara sozinho e isolado no sítio e ainda trapaceado pelos escravos. Para manter sua identidade, Jacobina necessitaria da interação com o meio social. Ao se olhar no espelho ele não conseguia enxergar-se. Daí então, que teve a ideia de vestir a farda de alferes todos os dias por algumas horas para tentar driblar essa solidão e conseguir atravessar aqueles dias no sítio.

A partir da ficção podemos reconhecer em nós mesmos situações parecidas que podemos passar em nossas vidas enquanto indivíduos sociais. A experiência relatada por Jacobina talvez não seja tão diferente das experiências que podemos viver hoje na contemporaneidade como indivíduos-sociais, inseridos em um sistema capitalista em que os cargos que são ocupados pelos indivíduos acabam por “definir” sua identidade social, ou ao menos uma delas, pois não existe uma única identidade como foi visto neste trabalho, existem identidades.

Vale enfatizar ainda que é no interior das trocas sociais que a identidade se constrói, se mantém e se remodela num processo contínuo de situações que o indivíduo passa ao longo de sua existência, em outras palavras, a identidade não é fixa ela é fluida.

O presente trabalho buscou analisar a personagem Jacobina e os aspectos da construção, perda e reconstrução de sua identidade, baseando-me em estudos sobre identidade na psicologia social.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994. v. II. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2019.

BERLATTO, O. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG**, Caxias do Sul, ano 3, n. 5, p. 141-151, 2009.

BORGES, G. R. **A História de Aflições no Itinerário da Literatura Brasileira: Realismo e Genealogia entre Machado de Assis e Murilo Rubião**. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura)– Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CASTRO, A.C. Tensões de identidade pessoal no Espelho de Machado de Assis. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 619-627, 2012.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

COSTA, P. P. S. **A vida dos grandes brasileiros: Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

GLEDSON, J. **Por um novo Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, M.; ALMEIDA, A. O Gênero Conto: A organização textual-discursiva em narrativas eletrônicas. In: 4º SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal de Pernambuco, 2012. **Anais eletrônicos...**, Recife: UFPE, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10632173-O-genero-conto-a-organizacao-textual-discursiva-em-narrativas-eletronicas.html>. Acesso em: 24 jul. 2019.

GUIMARÃES, H. S. O Machado terra-a-terra de John Gledson. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 77, p. 261-271, mar. 2007.

JUNQUEIRA, I. Machado de Assis e a arte do conto. **Navegações**, v. 2, n.2, p. 116-120, jul./dez. 2009.

MONNERAT, R. S. M. As Faces N(O)'/O (E)Espelho: seleção lexical e construção de identidade. **Revista Vertentes**, n. 34, p. 1-22, 2009.

PARRINE, R. Aspectos da Teoria do Conto em Machado de Assis. **Revista Eutomia**, Ano II, n. 01, p. 472-484, 2008.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

SILVA, D. S. Resenha: RICOEUR, Paul. O si-mesmo como um outro. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, 2008.

SILVA, F. C. A. **A construção da Identidade em Machado de Assis e Tchekhov**. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.